

Justiça e preconceito

Alguns americanos, que estiveram aqui na Olimpíada, estranharam bastante o que nós, brasileiros, comemos; por exemplo: teriam criticado muito o biscoito de polvilho, que se dissolve na boca e não tem gosto de nada.

O hábito, como todos sabem, é uma segunda natureza, e poucas coisas têm para as pessoas uma importância tão grande quanto seus hábitos alimentares. Também sabemos que gosto, e, de modo geral, preferências, não se discutem.

Eu não comeria o que costumo comer, é claro, se não gostasse. É natural, portanto, preferir aquilo que costumo comer, em vez do que come o outro. E se acho melhor o que como, por consequência não acho tão bom o que come o outro (se é que não o considero esquisito, exótico ou repugnante).

Isso, que falamos do alimento, pode ser ampliado para a roupa, para a música, para as amizades, e para todo tipo de preferência.

Ter preconceito é natural. Faz parte da nossa natureza e dos nossos hábitos. Dependendo das circunstâncias, entretanto, podemos nos tornar preconceituosos. Isto é, ter preconceitos em grau exagerado, ou conceder-lhes papel exagerado em nossas escolhas. Por isso faz parte, da boa educação, proporcionar ao jovem o maior número possível de experiências, o contacto com todo tipo de realidades. Eu, que sou enjoado para comer (em outras palavras, sou uma espécie de fundamentalista culinário), não posso deixar de admirar as pessoas que comem de tudo e gostam de experimentar iguarias diferentes; devo reconhecer minha limitação diante delas, e do seu alargado campo de experiência.

Quem nos abriu muito os olhos com relação a isso foi Montesquieu, em seu “Espírito das leis”, ao descrever uma grande variedade de povos e costumes. Os grupos primitivos, sendo em geral isolados culturais, achavam-se os únicos portadores da centelha e da excelência humana. Muitos deles designavam-se a si mesmo como “os homens”. E chamavam de “bárbaros” aos que não sabiam falar a sua língua. Nota-se como o

preconceito está ligado a outra característica do nosso comportamento, que é o narcisismo. Se as nossas escolhas são as melhores, passamos a nos julgar melhores do que os outros. Os nossos campos têm mais flores, nossos bosques têm mais vida, a nossa vida mais amores. Já, os americanos, vivem na terra dos livres e dos bravos.

Conhecer a si mesmo – como recomenda o filósofo – em grande parte significa conhecer os próprios preconceitos. Se não os conhecermos, confundiremos com o certo apenas o que fazemos; estaremos predispostos a discriminar os outros, a partir das nossas preferências; e deixaremos de ser justos.

Porque essa é a base da moral e da justiça: reconhecer o outro, na sua singularidade.